

Título do artigo: Arte é conhecimento é vida

Disciplina: Arte

Selecionador: Monique Deheinzelin

Categoria: Professor

ARTE É CONHECIMENTO É VIDA

A depender das profissões, minha vida continua seguindo caminhos inesperados: sou bacharel em Física¹, a única mulher numa turma de sete formandos (a turma toda!); depois de dar um curso de Mecânica na própria Universidade (100 alunos de graduação), no ano seguinte entrei como estagiária e me tornei professora de educação infantil (20 alunos de dois a três anos de idade) – e depois coordenadora pedagógica. Considerando um absurdo não ter formação específica para trabalhar como educadora fiz mestrado em História e Filosofia da Educação; e mais recentemente doutorado em Psicologia e Educação² – o que me traz ao momento atual, onde me deparo com uma avalanche mais que bem vinda de trabalhos na área de Artes, pessoas do Brasil inteiro que nos colocam a questão: o que caracteriza um educador nota 10?

Adianto a resposta à qual tentarei dar um respaldo plausível: ser autônomo.

Imagino ter tido a honra de ser convidada como selecionadora de Artes para a 17ª edição do Prêmio por estar intimamente ligada, na profissão e na vida, à arte e aos artistas. E esta ligação está ativa graças ao pintor e ceramista Michinori Inagaki que conheci quando era editora da publicação **por um triz**³ – Michinori realizou a editoração eletrônica do número 10, o último. E me convidou a ter aulas de pintura com ele. Excelente professor dizia sempre que precisava aprender com a gente, nossos limites e alcances, possibilidades e necessidades, o melhor e o pior de cada um de nós.

¹ Fez um sentido grande para mim, assistir ontem o documentário – Cientistas brasileiros – César Lattes e José Leite Lopes www.youtube.com/watch?v=DB3PzzlrRTc, a trajetória dos físicos, da Física, da educação e da ciência neste país tão complicado que é o nosso. Impressionante a verossimilhança entre Getúlio Vargas neste documentário e aquele vivido por Tony Ramos no filme *Getúlio*, de João Jardim. <http://rollingstone.uol.com.br/video/tony-ramos-sofre-e-se-irrita-em-trailer-de-igetulioi-filme-s/>

² A tese encontra-se disponível em [Móviles da ação: da cor à experiência estética](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/.../pt-br.php) www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/.../pt-br.php

³ Publicado como livro contendo os dez fascículos: **por um triz cultura e educação**. Instituto Avisalá; Instituto C&A de desenvolvimento social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

Ele, assim como cada uma de nós, precisava de uma manifestação verdadeira para começar, seguir e aprofundar o trabalho conosco: tomar pé em nosso sentimento.

Com efeito, é um duríssimo aprendizado produzir algo que venha de si, algo que dependa não apenas de nosso organismo, do ser vivo, mas de procedimentos⁴ que criamos para chegar a alguma coisa – agora fora de nós, que coincida ou ressoe naquilo que somos; e sempre somos muito mais do que sabemos. Não será o exame, de nossos pares, de nossos professores, de nossos superiores, de uma selecionadora! a nos dizer se o que fazemos, ou melhor dizendo, como procedemos, é bom ou ruim, pois o que fizemos, agora nos constitui, e será bonito, lindo mesmo quando nos restituir a nós próprios – for sincero. E, como bem diz Lino de Macedo, ninguém pode proceder por mim; assim, nossos procedimentos nos constituem e a nossa autonomia.

Procedimentos são gerados na interação com objetos, situações e pessoas, no embate com matérias e materiais, na tentativa de tornar um patrimônio nosso o que navega no grande mar, trafega nas ruas congestionadas, transmite-se na velocidade da luz pelas trilhas aéreas da Internet: elementos da cultura, tudo aquilo que o Homem já produziu em sua longa história – ao menos para nós que vivemos no século XXI. Não basta ter acesso à cultura – é preciso transformá-la em coisa nossa: aprendê-la. E toda aprendizagem depende do campo da experiência onde se realiza: é aqui, na qualidade das interações significativas, que o aprendiz vai gerar ou criar seus próprios procedimentos.

Na vida e na arte, as coisas não nascem prontas; trata-se então para nós de compreender como ganharam existência, na experiência das pessoas. O *como* das coisas, mais do que *o que* são elas ressalta a importância dos procedimentos para realizá-las.

Difícil localizar o início e o fim da história da arte! Mas, enquanto existirmos haverá arte e artistas constituindo-se mutuamente. Atividade humana, a arte tem o tempo a seu favor, aquele real e necessário para a criação artística; conjugando tempo e espaço, artistas imprimem seu ritmo nos ciclos da natureza e da cultura. Com o

⁴ Ver o artigo “O valor dos procedimentos no trabalho em arte” em <http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/valor-procedimentos-trabalho-arte-monique-deheinzelin-763333.shtml>

espetacular acesso a sons, imagens e textos que os instrumentos tecnológicos nos possibilitam é possível pesquisar como artistas realizaram seu trabalho – que hoje podemos considerar – buscando elaborar conceitos para compreender não a finalidade, mas a gênese da arte.

E a gênese da arte nós a encontramos nas crianças, no começo da vida. Por que negamos inteligência onde ela emerge com mais força? Na criança, isto é, em nós mesmos, a inteligência emerge naquilo que nos constitui, a intimidade sem divórcio entre sentir e agir, na dinâmica da criação.

Temos organismos sensíveis - afetos, emoções e sentimentos, ao mesmo tempo, desencadeiam ações internas e externas e são transformados por estas ações, o que nos habilita a dizer que as ações transformadoras têm sempre uma mobilização estética.

Durante o período sensório-motor, que é regido pelo binômio sentir e agir, esta mobilização estética possibilita a sobrevivência e uma gama extraordinária de aprendizagens que constituem simultaneamente, conhecimento de si e conhecimento do mundo⁵.

A dinâmica deste movimento entre o mundo interno e o externo está na origem da criação de todo conhecimento. E a nossa mobilização estética a mola propulsora deste movimento, e principalmente, o seu regulador.

Desta forma há em nós – e deve sempre haver, pois caso contrário não há vida humana – um forte desejo de compreender o mundo, de estabelecer relações entre as coisas, que fora de nós – ausentes de nós – nada seriam se não premidas, pressionadas pelo nosso olhar, pela nossa sensibilidade e presença.

Sinceridade

Jurar com lágrimas

Que me ama

Não adianta nada

⁵ Aqui cito meu livro *Conhecimento de si, conhecimento do mundo, fundamento e prática na educação infantil* (no prelo, 2012)

*Eu não vou acreditar
É melhor nos separar
Não pode haver felicidade
Se não há sinceridade
Dentro do nosso lar
Se aquele amor não morreu
Não precisa me enganar
Que seu coração é meu*⁶

E a nossa presença no mundo, ou é sincera, ou não estamos na vida aprendendo e construindo conhecimentos; a criança que aprende a andar é sincera quando cai e levanta vinte vezes, chora, ri -- brinca que se joga, joga que se esconde – sempre presente em sua ação, caso contrário não aprenderia a movimentar-se no eixo vertical.

Para nós, as ações mobilizadas esteticamente – aquelas que têm valor de conhecimento – parecem um horizonte longínquo, preocupados que estamos em agradar o próximo e tentar ser o que não somos: fingimos. Mas se nos aproximamos das Artes – como artistas, como educadores, como amantes não há outro caminho senão sermos sinceros – ao menos consigo mesmo. Pois para fazer e usufruir arte criamos procedimentos e, como vimos, “ninguém pode proceder por mim”.

Entretanto, lamentavelmente, não há sinceridade em um grande número de projetos na área de Artes e que podem ser melhor compreendidos em três categorias: múltiplas linguagens; reciclagem; e encontros, gincanas ou festivais.

Em múltiplas linguagens estão os trabalhos que não consideram nem o que é próprio do modo de ser e de pensar dos alunos, nem o que é estrutura interna de cada uma das linguagens da arte abordadas. Tudo se passa como uma coleção figural de elementos díspares, o que não possibilita a criação de sequências didáticas; e sem elas não há como oferecer um campo procedimental fértil, não há como avaliar e, sobretudo – não há como aprender.

⁶ Paulinho da Viola, *Jurar com lágrimas* - <http://letras.mus.br/paulinho-da-viola/278707/>

Em reciclagem trata-se de usar material descartado para produzir esculturas, instalações, ou produzir outras obras – inclusive a partir de obras de autores que lançam mão de procedimentos análogos, tomados como ponto de partida em alguns projetos. É muito difícil implicar-se subjetivamente neste tipo de ação, pautar-se pelo próprio sentimento e elaborar algo bonito e tocante usando lixo ou materiais recicláveis. Por quê? Porque é necessário ser muito habilidoso, fazer uma projeção plástica do resultado almejado e criar os procedimentos para realizar a obra. Um risco que ocorre com frequência é praticar artesanato. Sim, artesanato e arte são coisas diferentes: artesanato conserva formas existentes e arte cria formas que, sem a ação estética de alguém (sincera!), não existiriam.

Show de talentos, gincanas, festivais – em suma, apresentações pontuais, muitas vezes programadas para o final do ano, aparecem com frequência, e como exercícios interdisciplinares, assim como aparecem projetos de resgate da cultura local. O problema aqui é semelhante ao uso de múltiplas linguagens sem levar em consideração a interseção das estruturas internas destas linguagens: a exigência que decorre da ação estética de cantar é muito diversa de pintar, de dançar, de ser ator ou palhaço. É preciso considerar o que é próprio das disciplinas e não há tempo hábil para o arte educador que trabalha com várias turmas, em aulas de uma hora, uma vez por semana. Além disso, há muita diferença entre fazermos um trabalho, centrados em nós próprios, claro, desejando que este venha a ser publicado, e atuar desde o princípio tendo o público como destinatário: é preciso muita energia para alcançar o que aspiramos em arte e se estivermos distanciados de nosso centro vital, nada significativo torna-se possível.

Em “Ficção moderna”⁷ um artigo de Virginia Woolf publicado em 1919, sobre literatura e *Ulisses*, de James Joyce que “preocupa-se em revelar, custe o que custar, as oscilações dessa flama interior tão recôndita que dispara mensagens pelo cérebro” (2014, p.111), a autora segue afirmando o seguinte:

⁷ Em *O valor do riso e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de Leonardo Fróes (Cosac Naify, 2014).

Quaisquer deduções que possamos tirar da comparação entre duas ficções tão imensuravelmente distantes⁸ são vãs, a não ser, de fato, por nos cumularem de uma visão das infinitas possibilidades da arte e nos lembrarem que não há limite algum no horizonte, que nada – nenhum “método”, nenhuma experiência, nem mesmo a mais extravagante – é proibido, exceto a falsidade e o fingimento (2014, p. 115).

Estamos no terreno da ficção literária, mas “as infinitas possibilidades da arte” vigoram.

Conterrâneo da escritora Virginia Woolf o pintor inglês David Hockney afirma algo semelhante, requerendo sinceridade, clareza no modo de pintar. Engajado na tentativa de compreender o uso da fotografia na história da arte⁹, Hockney comenta:

Cerca de sessenta anos atrás, a maioria das pessoas educadas podiam desenhar com bastante habilidade. O que significa que eles podiam comunicar certas experiências de algum modo. Seus deleites visuais podiam ser expressos... Hoje as pessoas não desenham muito. Elas usam a câmera. Acho que, talvez elas não estejam expressando o que estavam vendo – o que nas coisas as encantam – e como este encanto as forçou a fazer algo disto, compartilhar a experiência, para torná-la vívida para mais alguém¹⁰.

Cameraworks, 1983 (Weschler, 2008, p. 1).

Da sinceridade vamos agora ao argumento da autonomia – uma conquista!

Autonomia

Tanto na escola pública, quanto na escola chamada particular a destinação de recursos e a profissionalização só se efetivam quando as leis que as regem se legitimam, ou atualizam, em direitos. Quando o direito é exercido na escola?

Quando, a partir de uma mobilização estética a escola possibilita aos alunos atividades e aprendizagens significativas que produzem conhecimento. Se isto é verdadeiro para qualquer conteúdo ou área de conhecimento, é manifesto de modo especialmente relevante em arte.

⁸ A escritora refere-se a Laurence Sterne (1713-68) e a George Meredith (1828-1909).

⁹ Em seu livro *O Conhecimento secreto* (Cosac Naify, 2002) Hockney nos elucida como artistas teriam feito uso de lentes para pintar e desenhar desde, pelo menos, 1430 -- nos primórdios do sec. XV.

¹⁰ Para conhecer o trabalho de David Hockney visite seu site www.hockneypictures.com

Em arte, são solidários conhecimento e constituição de si mesmo – da própria identidade, do bem estar e do que com razão é muito invocado: auto-estima. Para tanto é preciso que haja congruência, afinidade, ressonância entre o que afeta cada aluno e o que ele efetivamente expressa. Neste caso a sinceridade é ação: conhecimento como um patrimônio da pessoa. E são estas ações que nos conduzem à autonomia. Para o filósofo alemão Immanuel Kant o indivíduo autônomo é aquele que na experiência, e movido por móveis empíricos = felicidade, vai à busca do belo e do bom, e torna-se capaz de governar-se. É, portanto, um sujeito de direitos.

A meu ver os trabalhos de educadores que tive o prazer de selecionar, entre muitos outros projetos de grande mérito e relevância, são indivíduos autônomos e oferecem campo fértil a seus alunos e alunas para conquista da autonomia. Seus trabalhos sugerem os seguintes enlaces:

- Campo da autonomia do professor, interações didáticas que resultam em ensino e aprendizagem possibilitam a autonomia dos alunos agora, professores eles também; no mundo dos jovens adolescentes com aspiração de sair para questões universais, esta é uma grande conquista;
- Campo da criação no embate ou interação com diversos materiais; em continuidade com a vida, a partir de cores, texturas, matéria prima encontrada na natureza ocorre um embate e a criação de um ritmo¹¹ próprio, do qual, por sucessivas coordenações, ocorre uma experiência estética, nos termos de Dewey (2010). Temos então, no mundo das crianças, a autonomia pelo percurso poético. Aqui a grande conquista é a confiança em si e nos próprios recursos expressivos.
- As interações sociais, interrelações significativas entre duas profissões abrem caminho para expressão individual; à diferença do artesanato, no mundo dos adultos temos aqui a autonomia pela transformação – de materiais, da visão sobre a vida e o modo de ganhá-la dignificando profissões assumidas.

¹¹ No documentário *FOLI (there is no movement without rhythm)* <https://www.youtube.com/watch?v=IVPLuBy9CY>, o maravilhoso narrador-personagem nos assevera: Tudo, tudo vem do ritmo! Afirma a certa altura que está certo que sua cultura não vai morrer, deixando-nos entrever que é o ritmo a espinha dorsal da vitalidade – e da própria existência – desta cultura.

- No mundo em risco, o contraponto entre o entorno de um rio, a floresta e o mar, e as possibilidades expressivas de tecnologias digitais com livre acesso à Internet criam caminhos para ecologia e sustentabilidade. Neste caso a conquista da autonomia se dá pela via da memória e do compartilhamento.

E assim desejo ter encorajado muitos e muitos educadores pelo Brasil afora, a mais uma vez e sempre nos enviarem seus projetos, a serem lidos e compartilhados. Arte é conhecimento e conhecimento é vida porque sua base é biológica: somos mamíferos em busca de consciência e a arte é o melhor caminho para ampliá-la.

Referências bibliográficas

WOOLF, Virginia. *O valor do riso e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014, 512 pp.

WESCHLER, Lawrence. *True to life, twenty five years of conversations with David Hockney*. Los Angeles: University of California Press, 2008, 249 pp.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, 680 pp.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Trad. Vera Ribeiro. Org. Jo Ann Boydston. São Paulo: Martins Editora Livraria, 2010, 646 pp.

DEHEINZELIN, Monique. *Conhecimento de si, conhecimento do mundo – fundamento e prática na educação infantil*, no prelo, 2012, 205 pp.

DEHEINZELIN, Monique & INAGAKI, Michinori. “Estética, construção de conhecimento e educação infantil” in *Revista Pátio Educação Infantil*, Ano I, nº 3, dezembro 2003/ março 2004, pp. 32-35

DEHEINZELIN, Monique. “Para Sempre”. In CAVALCANTI, Z. (org.) *30 olhares para o futuro*. São Paulo: Escola da Vila – Centro de Formação, 2010, 287 pp.

Referências em rede na Internet

David Hockney, em: <http://www.hockneypictures.com>

Secret Knowledge, BBC, 2003, em:

<http://vimeo.com/55499124>

<http://vimeo.com/55457332>

<http://www.royalacademy.org.uk/exhibitions/hockney/>